

Exposição ao benzeno aumenta chances de câncer em trabalhadores de postos de combustível

Os funcionários de postos de combustível podem sofrer danos no DNA e têm mais chance do desenvolvimento de leucemia e câncer de pulmão do que o restante da população que não tem contato com o benzeno no ambiente de trabalho. A principal fonte de exposição ocupacional à substância ocorre pela evaporação da gasolina. Os dados que mostram danos à saúde de frentistas e trabalhadores das lojas de conveniência dentro de postos constam de estudo divulgado no dia 6 de outubro, no webinar *Conversas com o INCA: exposição ocupacional ao benzeno*.

O projeto *Avaliação dos efeitos tóxicos do benzeno na saúde dos trabalhadores dos postos de combustível do Rio de Janeiro* foi realizado de 2014 a 2019. Foram comparados os exames de 324 funcionários de 22 postos das zonas Sul e central da capital fluminense - que têm contato ocupacional e ambiental com a substância - com os de 218 trabalhadores do INCA e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) - que não têm contato ocupacional com o agente químico.

Nos trabalhadores expostos, foram observadas alterações hematológicas e bioquímicas. Eles apresentaram o dobro de ácidos metil-hipúrico, hipúrico, trans-trans-mucônico e fenilmercaptúrico, além de metabólitos de solventes como tolueno, xileno e benzeno em comparação ao segundo grupo. Os funcionários dos postos também tinham oito vezes mais células alteradas e lesionadas.

Uma das substâncias tóxicas mais comuns nos processos industriais do mundo, o benzeno está presente na atmosfera das áreas urbanas e rurais e é considerado cancerígeno pela Agência Internacional de Pesquisa em Câncer desde os anos 1970. A exposição humana ocorre principalmente pela inalação, mas também por contato dérmico ou mesmo por via oral.

Inalação afeta outros funcionários

O projeto foi coordenado pela toxicologista Marcia Sarpa e as coletas e análises das informações foram feitas por ela em parceria com as também toxicologistas Bárbara Geraldino e Kátia Poça, da Área Técnica Ambiente, Trabalho e Câncer da Coordenação de Prevenção e Vigilância (CONPREV/INCA). Uma das conclusões do estudo é que trabalhadores de postos em ruas estreitas e com menos circulação de ar (zona central) são mais expostos ao benzeno do que aqueles que atuam em postos perto do mar e em áreas verdes (zona sul).



Foram debatidas no evento a evolução da legislação e a fiscalização em ambientes contaminados com benzeno, um problema de abrangência nacional

Além dos frentistas, a pesquisa também examinou os trabalhadores das lojas de conveniência, que só têm exposição inalatória ao benzeno, e observou que as células lesionadas eram 3,8% vezes mais frequentes que as do grupo de controle. Por meio de autodeclarações, foram registrados problemas de saúde respiratórios (25,5% entre os funcionários das lojas de conveniência e 21% nos frentistas) e oftalmológicos (31,5% e 32,9%, respectivamente). Metade dos lojistas afirmaram sofrer de sonolência e 48,2%, de cefaleia. Entre os frentistas, a porcentagem é de 42,5% e 32,2% para os mesmos problemas.

Marcia lembrou que os trabalhadores dos postos são expostos a diversas situações nocivas para a saúde: “É errado o uso de panos e flanelas pelos frentistas, pois os tecidos ficam molhados com combustíveis e em contato com a pele dos frentistas. O uniforme deve ser trocado durante o turno sempre que estiver molhado com combustíveis”.

Foi apresentado no encontro virtual outro estudo sobre o impacto da exposição ao benzeno, conduzido pela professora Solange Cristina Garcia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dos 185 funcionários analisados na região, 31% tinham alta concentração de ácido trans-trans-mucônico nas amostras de urina, além de várias alterações no hemograma, como aumento de 12% nos leucócitos totais e danos protéicos.

Na abertura do webinar, o diretor-geral substituto do INCA, Gelson Mendes, afirmou que a prevenção do câncer relacionado ao trabalho é possível “por meio da implementação de programas que visam à redução ou eliminação da exposição dos agentes cancerígenos”.

Responsável pela Área Técnica Ambiente, Trabalho e Câncer da Coordenação de Prevenção e Vigilância, a epidemiologista Ubirani Otero, que investiga os efeitos nocivos do benzeno desde 2007, destacou que a vigilância da doença relacionada ao trabalho deve ser conduzida em relação ao câncer propriamente dito e aos trabalhadores expostos a agentes cancerígenos. “É importante desenvolver pesquisas com foco nesse grupo de trabalhadores ocupacionalmente expostos ao benzeno, agente reconhecidamente cancerígeno para seres humanos”, pontuou.

O evento promoveu, ainda, debates sobre a evolução da legislação e a fiscalização em ambientes contaminados com benzeno, um problema de abrangência nacional. De acordo com a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o Brasil tem 40.544 mil postos. No Rio são 2.107.